



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

**CONFERÊNCIA. INVESTIGAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS NA FRONTEIRA GALAICO-PORTUGUESA.**

JALHAY, Eugénio

Ano: 1932 | Número: 42

---

## Como citar este documento:

JALHAY, Eugénio, Conferência. Investigações pré-históricas na fronteira galaico-portuguesa. *Revista de Guimarães*, 42 (3-4) Jul Dez. 1932, p. 191-196.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# CONFERÊNCIA

Na noite de 25 de Novembro, pelas 22 horas, realizou o Ex.<sup>mo</sup> Sr. P.<sup>e</sup> Eugénio Jalhay, na sede desta Sociedade, a sua anunciada Conferência, subordinada ao tema: — *Investigações prè-históricas na fronteira galaico-portuguesa.*

Quando o ilustre conferente entrou no salão nobre acompanhado da Direcção da Sociedade, encontrava-se este repleto de uma selecta e distinctíssima assistência, que recebeu o Sr. P.<sup>e</sup> Jalhay com uma prolongada salva de palmas. O Sr. Presidente da Sociedade convidou para a Mesa o Sr. Dr. João Rocha dos Santos, digníssimo Presidente da Câmara Municipal desta cidade, secretariado pelo meritíssimo Juiz de Direito e pelo Ex.<sup>mo</sup> Administrador do Concelho.

Seguidamente tomou a palavra o Sr. Capitão Mário Cardoso, que se referiu ao douto Conferente e aos seus elevados méritos scientificos nos seguintes termos:

Minhas Senhoras,  
Meus Senhores:

Longe de mim a veledade pretenciosa de querer apresentar-lhes o ilustre Conferente, que hoje nos vai conceder a honra e o prazer espiritual da sua palavra, nesta Casa de Sarmento. Seria desacerto grande fazer a apresentação de um homem de sciência que, pelos seus reconhecidos méritos, de há muito se impôs e se destaca nos meios cultos portuguezes e estrangeiros, e desacerto tanto mais flagrante e condenável se um estudioso de tão subido valor viesse a esta cátedra pela mão de quem, à sua beira, nada vale, nem tem présfimo ou saber que o recomende.

Serão apenas de justo e merecido elogio, como de profundo agrade-



P.<sup>e</sup> Eugénio Jalhay

cimento, as breves palavras que vou proferir sobre a obra e a personalidade superiormente insinuante do Sr. P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay, se bem que, pelo grande renome que o acompanha e pela sua modéstia, maior ainda, muito naturalmente as dispensasse.

Há dez anos que a Sociedade Martins Sarmento iniciou e, sem interrupção vem realizando, uma série brilhantíssima de conferências, que, pela destacante individualidade dos oradores preferidos e pela elevação dos temas versados, têm marcado como uma eloqüente prova da mais nobre acção espiritual, raras vezes excedida, ou até igualada, em instituições culturais desta natureza, mesmo quando exerçam a sua actividade social em meios progressivos e de muito maior importância do que esta esquecida e bem modesta cidade de Guimarães.

Um esmero criterioso tem sido pôsto na escolha dos conferentes, para que, representando sempre a alta cultura portuguesa, se mantenha constante o nível da superioridade das ideias aqui divulgadas, da pureza dos princípios enunciados, da intensão essencialmente educativa, que é a única directriz orientadora da palavra de todos os que sobem a esta tribuna. A Sociedade Martins Sarmento tem norteado sempre toda a sua obra para um esforço de reconstrução social e de perfectibilidade humana. Neste pensamento estão seus títulos de glória e de nobreza.

Quis a actual Direcção, a que tenho a honra de presidir, manter a tradição desta continuidade cultural, como aliás era seu dever. Neste intuito convidou a vir aqui dissertar o Professor Sr. P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay, que, dando-nos a honra da aceitação do convite, nos vai dar, simultaneamente, o proveito inestimável de o escutarmos.

É curioso constatar que, neste largo período de conferências realizado no último decénio, tendo aqui usado da palavra vinte e um oradores (se não estou em erro), e de entre os mais altos representantes da mentalidade portuguesa contemporânea, apenas um — o Sr. Dr. Mendes Correia — se ocupou dos problemas interessantíssimos respeitantes à pre-história nacional. Outras questões as mais diversas, talvez por melhor convirem a um auditório de cultura heterogénia, têm sido aqui apresentadas, magistralmente sem dúvida, tais como assuntos de literatura, de história pátria, arte ou educação. Todavia, não é lícito que tão pequena atenção continuem merecendo as conferências sobre Pre-história a esta Instituição, fundada em honra de um dos maiores investigadores dos últimos 50 anos; a esta Casa que possui um dos primeiros museus de Arqueologia pre- e proto-histórica do País; que tem a seu cargo a guarda, conservação e exploração científica de duas das mais notáveis estações arqueológicas portuguesas; e, finalmente, que pela conhecida e apreciada Revista que publica, e conta já hoje 42 volumes, tem propagado e mantido, com instituições congéneres estrangeiras, um largo e fecundo intercâmbio científico, nos domínios da Arqueologia, da Etnografia, da Antropologia e sciências correlativas, auxiliares da Pre-História.

De um modo geral, não pode esta ordem de estudos desinteressar-nos também aqui, nesta Sala de Conferências. Longe vai o tempo em que o arqueólogo, por exemplo, era considerado, até entre as classes cultas, um curioso de banalidades, um irrisório coleccionador de cacos inúteis e outras velharias desagradáveis. Procurar desvendar um passado remoto era sciência de velhos. Hoje, felizmente, o estudo metódico da Arqueologia entrou nos cursos das Universidades, e, difundido entre as novas gerações,

em larga escala tem contribuído para a ampliação e melhor conhecimento da História. Não é bastante revolver o Passado até onde o permitem os subsídios que nos podem fornecer os textos clássicos ou a diplomática. Pretende-se cada dia ir mais longe, nesta jornada eterna; ler nas pedras poluídas que tombaram e a poeira dos séculos cobriu; decifrar nas ruínas que os homens semearam; reviver civilizações e gerações extintas; seguir até às raízes mais profundas do sub-solo, auscultar a palpação longínqua das origens — pois que, precisamente nesse *humus* primitivo de cada raça e de cada povo, é que residem e se escondem os elementos mais interessantes e seguros, para a interpretação de fenómenos sociais muito posteriores, que um dia, à luz da História, determinam a formação, o período áureo ou o aniquilamento de uma nacionalidade.

E não se diga, ou pense, que estes graves assuntos do conhecimento humano são próprios tão somente das academias científicas; podem tornar-se assimiláveis e acessíveis a um público menos iniciado, se forem apresentados de uma forma didáctica, atraente e leve, como simples objectivo de vulgarização, sempre dos mais fecundos resultados instrutivos.

Vai assim o Sr. P.<sup>o</sup> Jalhay prender-nos a atenção, discorrendo proficientemente, e ao nosso alcance, sobre o interessante assunto das investigações pre-históricas que realizou na fronteira galaico-portuguesa, quando residiu por alguns anos no Colégio de La Guardia.

Não pratica este Arqueólogo apenas a arqueologia de gabinete. A' sua profunda erudição alia a experiência dos trabalhos exteriores, sabendo igualmente empunhar com segurança a picareta do explorador. Tem procedido a excavações em vários castros e tem feito parte de notáveis campanhas de exploração, com mestres de indiscutível competência como, nas célebres grutas de Altamira, em Santânder, com o professor da Universidade Central de Madrid, Dr. Hugo Obermaier.

No campo meramente intelectual, fala por si a bela representação que tem feito do nosso país em congressos internacionais, e o impulso que, na Associação dos Arqueólogos, onde com o maior prestígio exerce o cargo de Vice-presidente da Secção de Arqueologia pre-histórica, tem dado às actividades latentes da velha agremiação portuguesa.

Nos últimos anos, tem Sua Ex.<sup>a</sup> dedicado a sua esclarecida atenção, com acentuada preferência, ao interessante problema da cultura pre-neolítica, designada *asturiense*, descoberta em 1914 pelo investigador espanhol Conde de la Vega del Sella, no litoral cantábrico, e já em 1907 assinalada (embora não classificada, então) na costa sudoeste da França, junto a Biarritz.

Previu o estudioso espanhol a continuidade da existência de vestígios desta indústria lítica primitiva para ocidente, na zona galega da costa peninsular. Coube ao Sr. P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay o mérito de ter confirmado estas previsões científicas, descobrindo, na Primavera de 1925, em La Guardia, a primeira estação galega do tipo asturiense, que proficientemente descreveu numa Memória intitulada *El asturiense en Galicia*, publicada no Boletim da Comissão de Monumentos de Orense. Esta importantíssima descoberta foi a origem e o incitamento de descobertas posteriores, previstas pelo Sr. P.<sup>o</sup> Jalhay, e realizadas aquém e além Minho, no litoral português e na Galiza, por diversos estudiosos, tais como em Espanha o Sr. Manuel Fernandes Costas e outros, e em Portugal o Sr. Dr. Ruy de Serpa Pinto, cujas pisadas foram seguidas principalmente por Abel Viana, Afonso do Paço e Simões Viana.

Os problemas que estas descobertas facultam à investigação científica são múltiplos e importantísimos, a começar pelo enigma do roteiro e sentido da expansão de tão rude e elementar indústria, praticada pelos nossos antepassados pre-históricos, há talvez 4 ou 5 mil anos antes de Cristo, num período de transição das remotas eras do Paleolítico para o período Neolítico.

Por outro lado o aparecimento de *picos* do tipo «asturiense» juntamente com instrumentos característicos de uma indústria mais antiga, e, outras vezes, de uma data muito posterior, já do período dos metais, deu motivo a que o Sr. Conde de la Vega del Sella afirmasse que uma cousa é a *época* asturiense, outra cousa é a indústria do tipo asturiense. No entanto, é uma nova questão a esclarecer. E também ainda, do achado de instrumentos tipologicamente idênticos aos do *Asturiense*, em localidades afastadas da costa, como em Elvas e, na Espanha, na província de Avila, mais um curioso problema surge — desvendar se esta indústria do *interland* será ou não sincrónica do *Asturiense* litoral.

Outro assunto palpitante, que muito particularmente tem prendido também as atenções e o aturado estudo do notável homem de ciência que vamos ter o prazer de ouvir, é o da chamada arte esquemática rupestre, tão largamente difundida e tão vincadamente caracterizada no Noroeste da Península hispânica. Com pesquisadores incansáveis como este, que hoje nos dá a honra da sua presença, acompanhado em Portugal por estudiosos como Mendes Correia, Serpa Pinto, Santos Júnior e outros, e em Espanha por Castro Sampedro, Sobriño, Bouza-Brey, etc., em breves anos teremos certamente coligidos os dados indispensáveis para a organização de um *Corpus* monumental das gravuras e pinturas megalíticas e rupestres da citada região peninsular, que ficará constituindo um seguro e precioso elemento de consulta, e muito contribuirá talvez para um conhecimento menos vago e hesitante das ideias sociais e conceitos religiosos do homem primitivo.

O Sr. D.<sup>e</sup> Jalhay tem analisado de frente as mais avançadas, quanto obscuras e difíceis questões científicas. Numa série de artigos magistraes, publicados na *Brotéria*, e que pêne é não tenham sido reproduzidos em volume, dissecou, de uma forma inteiramente exaustiva, os conhecimentos científicos acêrca do problema da origem e antiguidade do homem, abordando as mais modernas teorias sobre Antropologia e Paleontologia humana. Numa lógica perfeita e numa conclusão lúcida e brilhante, mostrou-nos que não existe, nem pode existir, um conflito entre a Religião e a Ciência.

Vou terminar. Não devo prolongar a impaciência de V.<sup>as</sup> Ex.<sup>as</sup>, impedindo por mais tempo o uso da palavra ao Conferente ilustre. Para êle as nossas cordiais saudações e, antecipadamente, o nosso profundo agradecimento pelo prazer da doutíssima lição que nos vai apresentar.

A V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente da Câmara, e a seus ilustres Secretaríes agradeço também, em nome da Sociedade, a distinta gentileza de terem aceitado o lugar de honra que nesta Casa lhes compete.

Peço a V. Ex.<sup>a</sup> queira conceder a palavra ao Sr. D.<sup>e</sup> Jalhay.

O ilustre conferente começou por agradecer as palavras do Sr. Presidente da Sociedade, tecendo às suas qualidades de estudioso um rasgado elogio e afirmando que

esta Instituição se tinha honrado elegendo-o para seu Presidente, sabendo assim conservar-se, através de todas as vicissitudes e de todas as situações, fiel à sua tradição, prestigiando o nome de Martins Sarmento.

Saídou na pessoa do Sr. Presidente da Câmara a cidade de Guimarães, iniciando em seguida a sua prelecção, que dividiu em duas partes. Durante a primeira, dissertou sobre o período paleolítico, a indústria asturiense, período do bronze e povoados castrejos; na segunda parte, referiu-se exclusivamente à arte esquemática rupestre. Começou S. Ex.<sup>a</sup> por historiar sumariamente o início das explorações empreendidas na zona galega, próxima da foz do Minho, referindo-se à notável identificação feita pelo Sr. Dr. Joaquim Fontes da estação paleolítica de Camposancos. Relatou depois a sua descoberta da estação asturiense de La Guardia e as benéficas conseqüências que desse facto derivaram: a localização em Portugal de várias outras estações do mesmo tipo, em Molêdo, Ancora, Afife, Areosa-Viana, Carrêço-Montedor, e outras em Espanha, como a de «Punta de los Picos», fronteira às suas congêneres portuguesas.

Da constatação de sobrevivências de formas arcaicas nestas estações galaico-portuguesas e da sua situação não longe de estações do paleolítico inferior; da ausência destas sobrevivências nas estações da costa cantábrica, que deixam vêr já fragmentos de cerâmica grosseira nos estratos imediatamente superiores; e finalmente do facto, de mais ao norte ainda, nas estações francesas do Morbihan, os picos asturienses aparecerem misturados com pontas de flecha e machados neolíticos — tirou o ilustre pre-historiador a conclusão importantíssima de que êstes indícios nos revelam certamente um roteiro sul-norte para a cultura asturiense.

Referiu-se depois largamente o Sr. P.<sup>o</sup> Jalhay aos achados do período do bronze na citada região galaico-portuguesa e finalmente ao período do ferro e povoações castrejas, ilustrando as suas palavras com interessantes projecções, muito nítidas, que mostravam as estações asturienses da foz do Minho, instrumentos líticos provenientes dessas estações, aspectos do castro de Santa Tecla, etc.

Entrando na segunda parte da sua conferência, escutada pelo auditório com a mais viva atenção, dissertou o

Sr. D.<sup>e</sup> Jalhay sôbre arte rupestre galaico-portuguesa, de tão ricas manifestações, tão características e tão variadas. Referiu-se aos numerosos rochedos daquela região, por êle descobertos, especialmente na faixa que vai desde Viladesuso a La Guardia, por Oya. Supõe S. Ex.<sup>a</sup> que esta arte primitiva tem o seu alvorecer no neo-eneolítico, prolongando-se até à idade dos metais, certamente até ao período dos castros, onde estas figuras são tão vulgares. Mostrou em seguida no pano de projecções, curiosíssimas gravuras traçadas pelos nossos antepassados pre-históricos, manifestações duma arte na infância cuja simbologia é para nós ainda tão obscura. O conferente fez passar ante os olhos da assistência, presa de grande interêsse, figurações variadas: cruciformes, circulares, zoomorfas, etc. Deteve-se o Sr. D.<sup>e</sup> Jalhay particularmente na interpretação de certas estilizações, como círculos concêntricos (representação solar?) associados a figuras serpentiformes, apoiando a hipótese de uma ofiolatria na Galiza, ligada a um culto solar. Chamou ainda S. Ex.<sup>a</sup> a atenção do auditório para uma curiosa representação zoomorfa, de um rochedo de Viladesuso, mostrando um desfile de veículos e animais, e também para um interessante desenho naturalista de bovídeo, gravado num penedo do monte de Góios, perto de Lanhelas, em Portugal, que revela já um grande progresso na arte simples e ingénua do homem primitivo.

Ao terminar a sua bela lição o ilustre conferente foi aplaudido demoradamente e muito felicitado pela numerosa assistência.

S. Ex.<sup>a</sup> foi convidado pelo Ex.<sup>mo</sup> Prof. Sr. Dr. Mendes Corrêa a repetir esta notável conferência no Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto.

\*

\* \*

A título de curiosidade, parece-nos interessante deixar aqui registadas, em conjunto, as conferências até hoje realizadas nesta Sociedade, com a indicação do ano, do nome do conferente e do tema versado. Foram as seguintes:

- 1883 — Joaquim de Vasconcelos — «Arquitectura da Idade-Média, com especial referência aos monumentos de Guimarães».
- 1885 — Dr. Avelino da Silva Guimarães — «Caridade social e cristã pela instrução popular».
- 1910 — Capitão Luís de Pina — «A campanha dos Dem-bos».
- Dr. Augusto J. Alves dos Santos — «Como era e como devia ser tratada a educação infantil no nosso país».
- 1916 — Dr. António Cabral — «Eça de Queirós».
- 1918 — Dr. Alfredo Pimenta — «A geração de hoje e a de amanhã».
- 1919 — Dr. Alvaro de Castro — «As nossas colónias e a economia nacional».
- 1922 — Dr. Gomes Teixeira — «Quatro mulheres célebres na História da Matemática».
- Dr. Trindade Coelho — «Os simples».
- Dr. Antero de Figueiredo — «Viajar» e «A luz gótica da catedral de Léon» (Do livro *Espanha*).
- 1924 — Dr. Mendes Corrêa — «Os povos primitivos da Lusitânia».
- Dr. Joaquim Costa — «A Tradição e a Terra».
- Dr. J. de Magalhães Lima — «Alberto Sampaio e o significado dos seus estudos na interpretação da História Nacional».
- 1925 — Dr. Jaime Cortesão — «Santo António e as origens do Renascimento em Portugal».
- Dr. Gomes Teixeira — «O Etna, o Monte Branco e o Grande S. Bernardo».
- 1926 — Dr. Fidelino de Figueiredo — «Aspecto científico da colonização portuguesa da América».
- António Sérgio — «A conquista de Ceuta e os descobrimentos. Seu condicionamento social e económico».
- Rui Chianca — «A Reconquista de Portugal».
- 1927 — Dr. Reinaldo dos Santos — «O românico em Portugal».
- Dr. Agostinho de Campos — «As pedras falam, ou Portugal visto de Guimarães».
- D. Emília de Sousa Costa — «A espiritualidade da mulher».



- 1927 — Dr. Sousa Costa — « A mulher na Revolução Francesa ».
- 1928 — Dr. Eduardo de Almeida — « Algumas palavras sobre a batalha de S. Mamede ».
- 1929 — Dr. Hernâni Cidade — « A Marquesa de Alorna, nância dos tempos modernos ».
- 1930 — Dr. J. A. Pires de Lima — « Demografia e ensino ».  
— Dr. Brito Camacho — « Alentejo ».
- 1931 — Dr. A. C. Pires de Lima — « A leitura, a educação cívica e a história na escola primária ».  
— Dr. A. de Magalhães Basto — « O nacionalismo no tempo dos Filipes ».
- 1932 — P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay — « Investigações prè-históricas na fronteira galaico-portuguesa ».